

II - Os conflitos no Terceiro Mundo e os interesses dos Estados Unidos.

Nos últimos quarenta anos todos os conflitos em que os Estados Unidos têm estado envolvidos ocorreram no Terceiro Mundo.

Quase todos os conflitos armados dos últimos quarenta anos têm ocorrido no que é vagamente referido como o Terceiro Mundo: os diversos países da Ásia, Médio Oriente, Africa, América Latina e as Caraíbas Orientais. No mesmo período, todas as guerras nas quais os Estados Unidos estiveram envolvidos - seja directamente com as suas forças de combate ou indirectamente com assistência militar - aconteceram no Terceiro Mundo. Tendo em conta as tendências futuras na difusão da tecnologia e do poderio militar os Estados Unidos precisam de uma compreensão clara dos seus interesses e do seu papel militar nessas regiões.

A característica comum dominante do nosso envolvimento no Terceiro Mundo tem sido uma completa discordância acerca da natureza dos nossos interesses. Temos discordado não só sobre a questão de saber se devemos estar envolvidos (como em Nicarágua) mas mesmo se estariamos a apoiar o lado certo (como em Moçambique). O nosso fracasso no Vietnam ainda lança uma sombra sobre a intervenção dos Estados Unidos em qualquer parte e outros reveses - particularmente os sofridos no Líbano - têm deixado alguns predispostos para a pessimismo a respeito da nossa capacidade de defender os interesses americanos no Terceiro Mundo. A nossa capacidade de persistir em tais guerras é sempre discutível.

Os instrumentos e as tácticas do envolvimento americano são grandemente limitados. Além do mais, somos algumas vezes cons

trangidos pela necessidade de "poupar" as forças ou as tecnologias avançadas para uma possível confrontação com a União Soviética - embora os nossos adversários potenciais no Terceiro Mundo estejam eles próprios adquirindo armamentos cada vez mais sofisticados.

Os conflitos no Terceiro Mundo são menos perigosos do que seria qualquer guerra americano - soviética, embora eles possam minar a nossa capacidade para defender os nossos interesses mais vitais.

Estes conflitos no Terceiro Mundo são obviamente menos perigosos do que seria qualquer guerra soviético-americana, embora eles tenham tido e continuarão a ter um efeito cumulativo adverso no acesso dos Estados Unidos a regiões críticas, na credibilidade americana entre aliados e amigos e na própria auto-confiança americana. Se este efeito cumulativo não pode ser verificado ou invertido no futuro, ele vai minar gradualmente a capacidade dos Estados Unidos defender os seus interesses nas regiões mais vitais, tais como o Golfo Pérsico, o Mediterrâneo e o Pacífico Ocidental.

Nas próximas décadas os Estados Unidos terão necessidade de estar melhor preparados para lidar com os conflitos no Terceiro Mundo. Os preparativos não serão dispendiosos. Exigem, porém, novos tipos de planejamento, uma vez que com frequência exigem missões, estruturas de forças e equipamentos agora inexistentes no inventário dos USA.

As dificuldades dos USA para lidar com esta violência constituem a principal razão da sua persistência.

Os nossos adversários dizem a si próprios que muitas vezes correm poucos riscos quando atacam os interesses ou aliados

americanos no Terceiro Mundo, principalmente se a guerra é de baixa intensidade e prolongada e se eles usam força de guerrilha, organizações terroristas para-militar ou subversivos armados. Se não melhorarmos a nossa capacidade para confrontar essa violência menor, perderemos com certeza o apoio de muitos países do Terceiro Mundo que querem acreditar que os Estados Unidos podem proteger os seus amigos, para não mencionar já os seus próprios interesses. Violência no Terceiro Mundo põe em perigo os nossos interesses de várias maneiras. Pode fazer perigar uma jovem democracia (como em El Salvador) aumentar pressões para migrações em grande escala para os Estados Unidos (como nas guerras na América Central) pôr em perigo importantes bases dos Estados Unidos (como nas Filipinas) ameaçar linhas marítimas vitais (como no Golfo Pérsico) ou dar oportunidades estratégicas à União Soviética e seus aliados.

Neste momento qualquer coisa como 500,000 rebeldes pegam em armas contra os regimes apoiados pelos Soviéticos.

A União Soviética e os seus aliados têm muitas vezes apoiado terrorismo e sublevação em todo o mundo. Eles têm explorado hábilmente a pobreza alastrada e os ressentimentos nacionalistas em muitas regiões, e os seus métodos de controle político fornecem um modelo útil para os ditadores do Terceiro Mundo que procuram conquistar e manter o poder. Mesmo assim, os soviéticos têm os seus próprios problemas nessas regiões. É cada vez mais bem compreendido que a economia comunista não oferece passaporte para o desenvolvimento: o contraste entre a Coreia do Norte e do Sul transmite uma mensagem poderosa assim como os desastres económicos da Etiópia, Angola, Moçambique e Cambodja. Neste momento qualquer coisa como 500,000 rebeldes têm pegado em armas contra os regimes apoiados pelos soviéticos (que são no conjunto apoiados por talvez 400,000 tropas soviéticas, cubanas, e vietnamitas).

Muitos dos nossos problemas no Terceiro Mundo estão centrados no que é agora chamado "conflito de baixa intensidade". A expressão refere-se a sublevações, terrorismo organizado, crimes para-militares, sabotagem e outras formas de violência numa área sombria entre a paz e a guerra aberta envolvendo grandes unidades. Para defender os seus interesses convenientemente no Terceiro Mundo, os Estados Unidos terão de tomar os "conflitos de baixa intensidade" muito mais seriamente. É uma forma de guerra em que "o inimigo" está mais ou menos omnipresente e com poucas probabilidades de alguma vez se render. No passado temos com frequência visto estes ataques como uma sucessão de crises passageiras e isoladas. Agora temos que pensar neles como um suplemento permanente à ementa dos problemas do planeamento da defesa.

Pensar nos conflitos de baixa intensidade como guerra prolongada deveria conduzir-nos a um certo número de mudanças, algumas razoavelmente óbvias. Teremos de estar certos que a nossa assistência para segurança é dirigida para países que enfrentam ameaças a longo prazo e teremos necessidade de ser vistos como sendo de confiança para lhes fornecer quantidades regulares de ajuda ao longo do tempo. Na assistência para a segurança, como geralmente nos gastos com a defesa, consistência ao longo do tempo é muitas vezes mais importante do que o nível real do orçamento.

Conflito de baixa intensidade não é um problema sómente para o Departamento de Defesa.

Temos também necessidade de pensar o conflito de baixa intensidade como uma forma de guerra que não é um problema sómente para o Departamento de Defesa. Em muitas situações, os Estados Unidos terão necessidade não sómente do pessoal e material do DdD, mas de diplomatas e de especialistas de informação, agrónomos, químicos, banqueiros e economistas, hidrólogos, crimino

logistas, metereologistas e dezenas de outros profissionais.

Porque tantos americanos estão inclinados para o pessimismo acerca do nosso papel no Terceiro Mundo, vale a pena apontar para um exemplo recente de intervenção dos Estados Unidos que contra alta probabilidade, saiu muito bem: a salvação da democracia El Salvador. Em 1980 pareceu muito possível que o país pudesse cair nas mãos de guerrilheiros apoiados a partir de Nicarágua pelos Sandinistas e Cubanos. Muitos americanos assumiram que o Governo seria brevemente derrubado pelos rebeldes comunistas. O congresso limitou severamente a assistência para a segurança que o nosso Governo poderia pôr à sua disposição. E apesar disso em 1985 havia um governo democrático no poder em El Salvador e o Congresso engajou-se em apoiá-lo.

A transformação em grande medida reflecte ideias que são aplicáveis noutros lugares. A tecnologia americana deu ao Governo salvadorenho uma nova capacidade técnica de informação que se transformou num estímulo para a acção para os militares (enquanto lhe dava também constantes indicações sobre a eficácia das suas operações). A guerra também se tornou um modelo de formas de esforços cooperativos: sob a liderança americana outros países da América Latina mostraram-se dispostos a oferecer formação militar e alguma ajuda económica a El Salvador. O nosso programa de assistência para a segurança ajudou os militares salvadorenhos a adquirir sistemas de armamentos que tornaram possível ataques mais diferenciados contra tropas inimigas e redução de casualidades civis. Fizemos também muito para o moral dos nossos aliados ao introduzir programas médicos que reduziram drasticamente a taxa de mortalidade entre as tropas feridas salvadorenhas (de cerca de 45% para cerca de 5%). Os resultados a longo prazo neste país, com certeza, dependem ainda da evolução da situação na América Central.